

OS QUADROS PRÉ-DISCURSIVOS COLETIVOS NO DISCURSO DA AUTOAJUDA PARA MULHERES CRISTÃS: ANTERIORIDADES QUE SUSTENTAM DESIGUALDADES

Ana Carolina VILELA-ARDENGI¹
Mariane Rocha Camargo VASCONCELOS²

Resumo

A partir do quadro teórico proposto por Marie-Anne Paveau (2013), que delineia uma articulação entre uma certa cognição — a cognição distribuída — e a Análise do Discurso (AD), o presente artigo analisa o discurso de autoajuda para mulheres cristãs a partir de um *corpus* pequeno (dez obras), porém representativo do funcionamento desse discurso. O objetivo é mostrar que esse discurso apoia-se, frequente e essencialmente, sobre um conjunto de pré-discursos (PAVEAU, 2013) que, ao fim e ao cabo, mantêm as mulheres em uma posição de submissão, vista, aliás, como um valor positivo para esse discurso. Além disso, buscamos ainda relacionar o crescimento desse nicho editorial à ideia de sociedade do cansaço, tal como postulada por Byung-Chul Han (2017). No contexto brasileiro, este trabalho busca apoio também nas pesquisas de Brunelli (2004, 2012, 2016), que vem se dedicando à análise do discurso de autoajuda em geral.

Palavras-chave: Discursos. Pré-discursos. Autoajuda para mulheres cristãs. Estereótipos.

Abstract

Based on the theoretical framework proposed by Marie-Anne Paveau (2013), which outlines an articulation between a certain cognition - distributed cognition - and Discourse Analysis (AD), this article analyzes the self-help discourse for Christian women from of a small corpus (ten works), but representative of the functioning of this discourse. The objective is to show that this discourse is often and essentially based on a set of pre-discourses (PAVEAU, 2013) that, after all, keep women in a position of submission, seen, moreover, as a positive value for that speech. In addition, we seek to relate the growth of this editorial niche to the idea of a society of the tiredness, as postulated by Byung-Chul Han (2017). In the Brazilian context, this work also seeks support in research by Brunelli (2004, 2012, 2016), who has been dedicated to the analysis of self-help discourse in general.

Keywords: Discourses. Pre-discourses. Self-help for Christian women. Stereotypes.

¹ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), membro do Centro de Pesquisa FEStA (Fórmulas e Estereótipos: Teoria e Análise). E-mail: vilela.ardenghi@gmail.com

² Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGEL-UFMT). Durante o período em que cursou o Mestrado, foi financiada pela CAPES/FAPEMAT, a quem agradece o apoio. E-mail: marianerochacamargovasconcelos@gmail.com

Introdução

O filósofo Byung-Chul Han, em *Sociedade do cansaço*, defende que a sociedade contemporânea funciona segundo uma lógica do *desempenho* e não mais da *disciplina*, tal como postulava Foucault ([1975]1999). Segundo Han, somos hoje “sujeitos de desempenho e produção” e não mais “sujeitos da obediência” (HAN, 2017, p. 23), uma vez que, diferentemente da sociedade disciplinar, em que há toda uma rede “exterior” ao indivíduo a lhe coagir, na sociedade atual, “o sujeito de desempenho está livre da instância de domínio exterior que o obrigue ao trabalho e o explore. Está submetido apenas a si próprio. [...] Assim, ele explora a si mesmo” (HAN, 2017, p. 105).

A reflexão proposta por Han (2017) parece relevante para pensar a autoajuda — fenômeno editorial em franco crescimento que é, neste artigo, objeto de nossas análises —, uma vez que a “sociedade do cansaço” é efeito da sociedade pós-moderna, assim como, de certa forma, o crescimento da literatura de autoajuda também parece ser. Ambas inseridas nesse contexto, podemos dizer que a autoajuda nos moldes da contemporaneidade, pretende, de alguma forma, ir ao socorro do indivíduo pós-moderno, que precisa saber lidar com as novas demandas e constantes transformações, necessitando de orientações nas mais diversas áreas da sua vida e que devem, em suma, “dar conta de tudo”: satisfação pessoal, sucesso profissional, independência financeira etc.

Na verdade, Vasconcelos (2020) defende poder apreendê-la simultaneamente como causa e produto dessa mesma sociedade: se, por um lado, a sociedade contemporânea funcionaria por essa lógica de um excesso, pelo apagamento da alteridade através de um reforço do individualismo, a autoajuda é, possivelmente, um elemento importante a reforçar isso; mas também, por outro lado, essa autoajuda é talvez como que uma “exigência” ou “necessidade” dessa mesma sociedade que demanda ao indivíduo um alto desempenho e teríamos, então, nesse discurso, um “guia de sobrevivência” (BRUNELLI, 2012).

Neste trabalho, olharemos especificamente para um dos nichos da autoajuda, a saber: a autoajuda para mulheres cristãs. O objetivo é descrever e analisar as representações do feminino postas a circular nesse discurso que, como desejamos mostrar, em boa medida, contribuem para a manutenção de certos estereótipos de

gênero. Para tanto, o *corpus* constitui-se de excertos de dez obras de autoajuda³ que são representativas do que se pode encontrar, de maneira geral, nesse discurso de autoajuda para mulheres cristãs.

Do ponto de vista teórico-metodológico, buscamos apoio na proposta de Marie-Anne Paveau (2013), que defende uma aproximação da chamada Análise do Discurso de linha francesa (AD, a partir daqui) com uma certa vertente da cognição, com o propósito de “renovar as práticas de análise” (PAVEAU, 2013, p. 9). O cerne da proposta da autora é a noção de pré-discursos, sobre a qual falaremos a seguir.

Entre discurso e cognição: os pré-discursos

A AD é, como se sabe, uma disciplina que surge na convergência de três campos de saber: a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise. A recente proposta de Paveau (2013) objetiva dotar a AD de uma dimensão cognitiva, mais especificamente, a perspectiva adotada é a da cognição sociocultural, na sua vertente distribuída, cujo pressuposto de base é que

[...] a inteligência manifesta-se no nível sistêmico — e não apenas no nível cognitivo individual — mediante o estudo entre indivíduos e sua propagação entre indivíduos e artefatos (FLOR; HUTCHINS, 1991). Tal abordagem defende que a cognição, além de ser um fenômeno distribuído entre dois ou mais indivíduos, também o é entre indivíduos, ambientes e artefatos que se relacionam. Esses artefatos, denominados cognitivos, consistem em dispositivos utilizados pelos humanos em suas atividades para aprimorar ou melhorar a cognição e o desempenho (NORMAN, 1991; HUTCHINS, 2002) (ROCHA; PAULA; DUARTE, 2016, p. 95; grifo nosso).

É, pois, nesse sentido, que Bischofsberger (*apud* PAVEAU, 2013, p. 9) dirá que, para a cognição distribuída, é como se a cognição “deixasse a cabeça” do indivíduo, tornando-se, assim, um fenômeno social e ditribuído.

O “alvo” de Paveau são as *anterioridades discursivas*, uma questão, segundo a autora, bastante presente desde a fundação da disciplina — vide noções como as de interdiscurso, pré-construído e memória, por exemplo —, mas que foi, com o passar do tempo, perdendo força,

ou porque as noções de pré-construído e de interdiscurso se simplificaram e congelaram, como mostram as entradas do *Dicionário de análise do discurso* (Charaudeau, Maingueneau, 2002), ou porque noções vindas de outras orientações constituíram respostas mais

³ As referências do *corpus* encontram-se ao final, em separado.

facilmente mobilizáveis, como a competência e suas declinações (linguística, cultural, enciclopédica, interacional etc.), ou ainda porque certas etiquetas, como “saberes compartilhados”, “estereótipos”, ou “senso comum” têm contribuído para resolver o problema, nomeando-o. Mas em todos os casos, parece ter-se perdido o que fazia a riqueza e a exatidão da proposta de origem: o fato de que o pré-construído, como aliás o interdiscurso, não depende da materialidade discursiva, e por isso não pode ser identificado como um conjunto de discursos concretamente proferidos, embora sendo linguisticamente passíveis de análise (PAVEAU, 2007, p. 137).

Nesse sentido, a noção de pré-discursos, como “operadores de negociação da partilha, da transmissão e da circulação do sentido nos grupos sociais” (PAVEAU, 2013, p. 12) é, como dissemos, o ponto nodal de sua proposta. Eles se referem, de maneira resumida, a “quadros de saber e de crença que informam diretamente os discursos produzidos (informações de natureza enciclopédica ou estereotípica)” (PAVEAU, 2013, p. 20). Isso leva a autora a falar em *quadros pré-discursivos coletivos* na medida em que são relativos a determinações pré-linguísticas partilhadas coletivamente que têm uma função instrucional na produção dos discursos. Ou seja, “os pré-discursos não são os discursos produzidos antes, mas sim as anterioridades do discurso” (PAVEAU, 2013, p. 20).

Paveau afirma que há, nos discursos, elementos (de ordem lexical, morfológica, sintática, textual...) que *remetem, apelam* a esses quadros pré-discursivos coletivos, que não são propriamente materiais. Eles têm, portanto, um caráter *indiciário* ou, nas palavras de Paveau (2013, p. 129): “trata-se de dados que não são materialmente discursivos, porém não são mais totalmente estranhos à discursivização. Eles provêm de nossa percepção organizada do mundo e do acúmulo de nossas experiências” — daí a autora postular também uma memória cognitivo-discursiva, que “categoriza” e não apenas “estoca” conhecimentos.

Os pré-discursos seriam, em suma,

[...] um conjunto de âmbitos pré-discursivos coletivos (saberes, crenças, práticas), com papel instrucional para a produção e a interpretação do sentido em discurso. Na perspectiva da cognição social (em sua versão distribuída), os pré-discursos constituem dados propagados por uma memória cognitivo-discursiva e distribuídos por certo número de agentes internos e externos como artefatos e tecnologias cognitivas; procedem da cognição humana coletiva. São dotados de características que possibilitam sua distribuição (no sentido simultâneo de produção, recepção e circulação) nos ambientes cognitivos (PAVEAU, 2015, p. 46).

São seis as propriedades dos pré-discursos, a saber:

i) coletividade: resultam de uma coelaboração entre indivíduo e sociedade, sendo “partilhados coletivamente e apropriados individualmente” (PAVEAU, 2013, p. 130);

ii) imaterialidade: não se inscrevem diretamente na língua, mas são indiciados por marcas indiretas, que apelam para sua presença, ou seja, há um caráter *tácito* que atua aí;

iii) transmissibilidade: são distribuídos, no sentido cognitivo, isto é, construídos, difundidos e postos a circular numa dada comunidade de locutores por meio, por exemplo, de ferramentas discursivas (monumentos, placas de rua, museus, dicionários...), além de serem transmitidos diacronicamente, ao longo do tempo, por meio da memória cognitivo-discursiva;

iv) experiencialidade: decorrem da e categorizam a experiência dos sujeitos, na medida em que “constroem e pré-constroem ao mesmo tempo toda a percepção individual do mundo” (PAVEAU, 2013, p. 136);

v) intersubjetividade: esta propriedade diz respeito ao aspecto de “ajuste” dos pré-discursos a uma realidade; a questão estaria em reconhecer a “verdade” de tais quadros, mas num sentido veri-relacional (aceitabilidade) e não lógico (“verdadeiro”); e

vi) discursividade: manifestam-se no discurso, ainda que não materialmente identificáveis.

Tais propriedades implicam, em seu conjunto, a interdependência constitutiva entre o cognitivo e o social. Assim, o discurso que é posto a circular, que é externalizado, passa a fazer parte dos ambientes sociais. Do mesmo modo, a competência do indivíduo não se restringe às formulações mentais e às produções discursivas, mais precisamente “[...] o cognitivo é, ao mesmo tempo, mental e social, porque os esquemas mentais [...] são amplamente o produto das relações com o ambiente e a vida social do sujeito” (PAVEAU, 2013, p. 143).

Embora anteriores aos discursos, é preciso deixar claro que os pré-discursos não estão *fora* da linguagem ou mesmo do discurso. Se as produções verbais “não surgem por geração espontânea, mas se apoiam em dados prévios que escapam, em grande parte, à consciência e ao controle do sujeito” (PAVEAU, 2013, p. 15), a noção de pré-discursos pretende dar conta dessas informações prévias, tratadas e estocadas de que o locutor dispõe antes da produção dos discursos. No entanto, adverte Paveau

(2013, p. 20), “isso não impede que essas informações sejam também construídas e negociadas **no discurso**, enquanto apresentadas como pré-discursivas” (grifo nosso).

É, portanto, esse “espaço” que Paveau (2013) deseja ocupar: tratar desses dados anteriores que são, muitas vezes, mencionados, assumidos, levados em conta por muitos autores no interior mesmo das ciências da linguagem, sem que haja, contudo, uma “descrição teorizada” sobre eles.

Com base no quadro teórico-metodológico desenhado por Paveau procederemos às análises do *corpus*. A pergunta central que nos guiou nesse percurso é, precisamente: quais os quadros pré-discursivos que tocam a representação do feminino postos a circular no discurso de autoajuda para mulheres cristãs?

O discurso de autoajuda para mulheres cristãs: contribuições da teoria dos pré-discursos

Paveau (2005) defende que passamos por um processo de “democratização da fala”, que, contemporaneamente, faz com que as coerções para adentrar “a ordem do discurso” (FOUCAULT, [1971]2004) sejam distintas daquelas de poucas décadas atrás. Para Paveau (2005), “o discurso ‘ordinário’ é, por definição, menos historicizado que o discurso erudito ou especializado, porque ele é menos douto ou, simplesmente, mais preso a uma cultura imediata”. Ainda segundo a autora, trata-se de fenômeno ainda a ser decifrado e que reserva um amplo espaço de pesquisa para a AD.

De fato, no caso do discurso de autoajuda cristão, de modo geral, é preciso reconhecer que, mesmo sendo um discurso ligado necessariamente ao campo religioso⁴, as pessoas “autorizadas” a adentrar essa ordem do discurso não são necessariamente ligadas à igreja, em sentido mais estrito: temos aí mulheres “comuns” que “descobriram” Jesus, que superaram momentos difíceis e agora desejam compartilhar suas experiências, homens com conhecimento sobre o casamento, a vida, a religião etc. Ou seja, nesse discurso “pregam” não apenas pastores, apóstolos, padres ou ministros — autoridades instituídas pelo discurso religioso —, mas pessoas “comuns”. Assim, a questão que desejamos destacar aqui é que o discurso da autoajuda para mulheres cristãs não é propriamente um “discurso religioso” — não é, por exemplo, um discurso constituinte (MAINGUENEAU, 2010) —, mas, e isso não se pode negar, liga-se a esse mesmo discurso de alguma maneira. Nesse sentido, é possível, na esteira do que afirma Paveau (2005), postular que se trata de um discurso mais ligado a uma “cultura

⁴ Para a noção de campo discursivo, vide Maingueneau ([1984] 2008).

imediate”. E, afinal, os pré-discursos “**são de natureza mais social e cultural do que ideológica e política**, e, além disso, aplicam-se a todos os tipos de discurso, dos mais ordinários [...] e menos controlados aos mais elaborados e mais controlados [...]” (PAVEAU, 2013, p. 133-134; grifo nosso).

A fim, então, de apresentar alguns dos quadros de crenças, valores e práticas que fazem circular uma certa representação do feminino na autoajuda para mulheres cristãs, neste trabalho, optamos por apresentar um conjunto de dados relativos a um dos tipos de manifestação de apelo aos quadros pré-discursivos elencados por Paveau (2013), a saber: os organizadores textual-cognitivos, que funcionam como uma extensão dos pensamentos para a discursividade. Eles permitem classificar/categorizar os dados/as novas informações recebidas, a partir de um conjunto de informações que o sujeito já possui estocado em sua memória, permitindo que este interprete, produza ou reelabore os discursos, como um processo que parte da elaboração mental para a construção textual. Como já dissemos, trata-se das anterioridades que são mobilizadas para a produção e interpretação dos discursos.

Metáfora

Dentre os organizadores apresentados por Paveau estão as metáforas e antíteses. Gostaríamos de partir de um pequeno conjunto de dados extraídos do nosso *corpus*:

(01) Uma coisa posso lhe afirmar com bastante segurança é que todas nós somos acumuladoras quando se trata do **armário do nosso coração**. [...] Por isso essa **faxina** é essencial. Ser mais linda não depende só de maquiagem. É realmente um processo que começa de dentro para fora (BEZERRA, 2015; grifo nosso).

(02) Eventos que nos perturbam e tiram nossa paz não podem ser **varridos para debaixo do tapete** (BEZERRA, 2015; grifo nosso).

(03) O Senhor vê meu coração. Vê como reajo a ele: se faço da mesma forma que a viúva, com fé e confiança, ou se julgo **as vasilhas vazias dos vizinhos ou as minhas** (EVANS, 2017, p. 93; grifo nosso).

(04) É certo que, por vezes, temos uma aparência externa gasta pelo tempo – somos um pouco provadas, testadas e feridas —, da mesma forma que **as caçarolas e panelas mais valorizadas em nossa cozinha** (EVANS, 2017, p. 92; grifo nosso).

Nesses excertos, os elementos destacados são aquilo que, da perspectiva de Paveau (2013), podemos chamar de *apelos* aos pré-discursos. Tais elementos apontam para uma certa maneira de conceber e categorizar o mundo e as experiências vividas.

Assim, o que significa valer-se de um léxico que remete essencialmente ao ambiente doméstico (“armário”, “faxina”, “vasilhas”, “caçarolas e panelas” etc.)? De uma perspectiva cognitiva, tais dados implicam considerar que é esse o meio a partir do qual o sujeito irá realizar operações mais sofisticadas de mapeamento de um domínio a outro, o que revela, portanto, uma certa forma de compreender e apreender o mundo, de conceptualizar experiências cotidianas (THUROW, PRESTES-RODRIGUES, 2016).

A esse tipo de operação os cognitivistas chamam de metáfora:

o que constitui a metáfora não é nenhuma palavra ou expressão em particular. É, sim, o mapeamento ontológico que atravessa domínios conceptuais, de um domínio-fonte [...] para um domínio-alvo [...]. A metáfora não é apenas uma questão de linguagem, mas de pensamento e de razão. A língua é secundária. O mapeamento é primário. O mapeamento é convencional, isso quer dizer que ele é uma parte fixa do nosso sistema conceptual [...]. Se as metáforas fossem meramente expressões linguísticas, nós esqueceríamos que as expressões linguísticas diferentes fossem metáforas diferentes (LAKOFF, 1993, p. 209; tradução nossa).

A proposta teórica de Paveau (2013) partilha, em boa medida, dessa concepção da metáfora como algo que está presente não de modo “especial” mas constitutivo da própria natureza do uso linguageiro, uma vez que, para a autora,

a metáfora, longe de ser um desvio poético em relação a uma norma expressiva que privilegiaria não se sabe qual transparência da linguagem na relação com o mundo, é uma construção cognitivo-textual e discursiva de todo locutor em suas atividades cotidianas de produção discursiva (PAVEAU, 2013, p. 221).

Assim, as metáforas são fundamentais para a compreensão dos sentidos linguísticos e instruem, de fato, a produção e a interpretação de novas formulações em discurso, ou seja, são exemplos do que Paveau (2013) chama de pré-discursos. Para a autora, aliás, a metáfora é

um verdadeiro organizador do discurso em todos os seus níveis de elaboração: “organizador psíquico” [...] que apela aos esquemas partilhados, organizador cognitivo que molda conhecimentos e crenças, organizador discursivo que implementa culturas de época e de comunidades, e, enfim, organizador textual que mobiliza processos de encadeamento transparafástico (PAVEAU, 2013, p. 221).

De (01) a (04) temos, então, o ambiente doméstico funcionando como domínio para o mapeamento num nível mais abstrato, de modo que ele funciona como uma espécie de “referência”, de “ponto de apoio” para a compreensão de domínios mais

abstratos. Isso significa, portanto, que a coenunciadora pressuposta aí é uma mulher cujas experiências limitam-se a ou são essencialmente no ambiente doméstico.

Além de metáforas que remetem a esse ambiente doméstico, é possível identificarmos nesses recortes outras, como, por exemplo, a metáfora orientacional que está presente em praticamente toda a autoajuda para mulheres cristãs⁵: a beleza como um processo que se dá DE DENTRO PARA FORA. Essas metáforas estão relacionadas entre si: o coração ou mesmo a própria mulher como um RECIPIENTE — metáfora que Lakoff & Johnson ([1980]2002) caracterizam como sendo ontológica — deve se “encher” de Deus e se “esvaziar” das coisas do mundo, deve estar “limpa” e “organizada” e, com isso, sua beleza “transbordará” para o exterior:

(05) Assim como a água é um elemento essencial para a saúde e beleza do nosso corpo, a Palavra que vem de Deus é a água para o nosso **interior**. É a Fonte a jorrar, de onde você adquire saúde e beleza que não diminuem com o tempo. (BEZERRA, 2015, p. 12; grifo nosso).

(06) Para o investimento **interior**, busque a Palavra de Deus, a Bíblia. Nela, você encontra a vontade dEle. Fazer a vontade de Deus, e não a nossa, **embeleza** nosso **interior**. (BEZERRA, 2015, p. 79; grifo nosso).

A questão da beleza (exterior) é um ponto que foi incorporado aos poucos a esse discurso — que valorizava essencialmente a beleza da alma, do espírito — e converge para as “demandas” da mulher moderna⁶: ela deve ser magra, jovem, vestir-se bem etc. Algumas obras têm, nesse sentido, títulos bastante sugestivos, como, por exemplo, “Mais linda em 40 dias”. Nesse livro, aliás, há uma articulação interessante entre esses dois “lados”: os capítulos organizam-se buscando suporte na Bíblia, por um lado, e, ao final, sempre há uma “dica de beleza” do tipo: como escolher as cores de roupas a usar (para valorizar as formas do corpo), beber bastante água, ter uma alimentação saudável, como combinar certas peças de roupas...

(07) De dentro para fora

Sei que essa tarefa não é algo que muitas de nós gostaremos muito, mas percebo a necessidade e seus benefícios em mim mesma; então posso comprovar que funciona. Muitas vezes temos o esmero de cuidar do nosso corpo, mas também não podemos esquecer que **esse cuidado deve iniciar por dentro**. Ao beber água diariamente, estamos fazendo isso. A primeira coisa que notamos é como nossa pele fica mais bonita. Tenho pele oleosa e quando bebo bastante água percebo a melhora. (BEZERRA, 2015, p. 36; grifo nosso).

⁵ Cf. Vasconcelos (2020).

⁶ É preciso lembrar que a sociedade do desempenho compõe-se também de academias, centros *fitness* etc. (HAN, 2017).

A “dica de beleza” acima apoia-se fortemente sobre a metáfora DE DENTRO PARA FORA para funcionar e defende um cuidado que começa por dentro (bebendo água), mas que ao longo da obra é, por meio das metáforas, “expandido”. Em (05), vemos que a água é associada ao próprio Deus.

Nesse discurso, o traço da “modernidade” está bastante associado à questão da beleza exterior e do mundo do trabalho, agora frequentado por muitas mulheres contemporâneas, ou seja, nele são associados os valores tradicionais aos atuais para as mulheres⁷.

Em nosso *corpus*, a categoria da metáfora provou-se particularmente produtiva, uma vez que é possível, como veremos a seguir, encontrar inúmeras palavras ou expressões que indiciam a sua presença e apontam para uma forma de se conceber a mulher cristã e o próprio mundo em que ela se insere ou deveria estar inserida. Esse mundo é — como tentamos demonstrar a partir do conjunto de dados pequeno, porém representativo — essencialmente doméstico ou enquadrado a partir dele, de mansidão e paz interior, o que se reflete para o exterior, que será belo em decorrência da beleza cultivada internamente, como também manifesto no excerto abaixo:

(08) Uma mulher de **espírito manso e tranquilo** não somente é de grande valor para Deus, mas é **atraente** também para os outros. Ela veste-se apropriadamente, mas seu **adorno interior** é que é notado porque ela está segura e descansada em seu espírito. (HEALD, 1998, p. 81; grifo nosso).

Embora saiba como se vestir, essa mulher é notada pelo que provém de seu interior. O discurso da autoajuda para as mulheres cristãs procura, então, conciliar os valores cristãos às características e demandas de um mundo contemporâneo.

Antítese

Outro organizador apresentado por Paveau e que chama a atenção em razão dos dados encontrados no *corpus* é a antítese, que “corresponde às oposições fundadoras que servem de segundo-plano para os discursos” (PAVEAU, 2013, p. 232), como, por exemplo, nos *corpora* que ela analisa: antigos vs. modernos, pedagogistas vs. republicanos, militar vs. civil, verdade vs. ilusão, literatura vs. jornalismo, democracia vs. totalitarismo etc. Paveau defende, então, que

a antítese é um poderoso organizador da percepção do mundo e dos discursos, porque ela constitui um modelo de pensamento muito

⁷ Por exemplo, em Cardoso (2013).

presente na aprendizagem (na cultura ocidental, pelo menos) e um quadro de experiência cotidiana nas relações humanas, quer sejam conflituosas ou harmoniosas. [...] A estrutura antitética é realmente um modelo pré-existente que os locutores ativam no discurso (PAVEAU, 2013, p. 232).

Trata-se de pensar de que modo tais oposições — que são ativadas no discurso — apelam a anterioridades que indiciam modos de concepção/organização de mundo por parte do locutor. Na autoajuda para mulheres cristãs, há duas grandes oposições formais (isto é, binárias) que parecem nortear e estruturar esse discurso: de um lado, a oposição “homem” vs. “mulher” e, de outro, a oposição “mulher com Deus” vs. “mulher sem Deus”.

Vejamos, primeiramente, alguns excertos que apontam para a oposição “homem” vs. “mulher”:

(09) **Os homens** lutam para conquistar, enquanto **as mulheres** lutam para conquistar e ficar no controle. **Os homens** ainda podem estar solteiros depois dos trinta e, mesmo assim, não ter pressa; mas para **nós [mulheres]**, isto significa que o tempo está se esgotando... E, na maioria das vezes, isso pode nos levar a tomar decisões erradas (CARDOSO, 2013).

(10) Não é que este seja **um mundo dos homens**; é que simplesmente não estamos nos adaptando a ele. Ou talvez estejamos nos preocupando com as coisas erradas... (CARDOSO, 2013).

(11) Quer ser respeitada? Respeite-se primeiro. Quer ser valorizada? Valorize-se primeiro. Trate-se bem, como **uma dama** e não como **uma qualquer**. Você quer atrair o **homem** certo? Seja a **mulher** certa para ele (CARDOSO, 2013).

Os excertos acima opõem também as próprias noções de “certo” vs. “errado”. Tais antíteses reforçam o discurso segundo o qual haveria diferenças “naturais” entre os sexos e que há uma espécie de “tarefa” da mulher para se tornar a “mulher certa” para o “homem certo”. A esse respeito é preciso apresentar também outra antítese profundamente ligada a ela: a oposição razão vs. emoção. Trata-se, na verdade, de um dos “fundamentos” frequentemente apontados como distintivos entre homem e mulher: um quadro pré-discursivo segundo o qual o homem é um ser essencialmente racional e a mulher, emocional. A oposição pode ser verificada em passagens como as que seguem:

(12) Geralmente, a mulher que é imatura não sabe como lidar com suas responsabilidades e gasta seu dinheiro movida por seus **sentimentos ao invés da razão** (CARDOSO, 2013, p. 33; grifo nosso).

(13) No entanto, muitas vezes estamos **emocionalmente envolvidas demais** com as pessoas ao nosso redor e com nossa vida diária para sermos capazes de descobrir como

deveríamos estar orando por nós mesmas além das necessidades imediatas e urgentes (OMARTIAN, 2003, p. 13-14; grifo nosso).

(14) Na verdade, as **emoções de uma mulher** também podem lhe trazer problemas, e ela necessita, com frequência, **da lógica do lado esquerdo do cérebro de um homem** para ajudá-la a ver as coisas com clareza (MEYER, 2015, p. 9).

O “risco” é o de que a mulher se torne, em alguma medida, “homem” ou “menos mulher”, o que pode ser visto como uma “imposição” social:

(15) [...] a repressão da afetividade, da sensibilidade, da ternura, da benevolência, do respeito ao outro, da relação pessoal e da mulher. Este é o nosso mundo ocidental: tão aperfeiçoado, tão poderoso, tão eficaz, mas, também, tão frio, tão duro e tão enfadonho. [...] **a mulher aprendeu a ser como os homens**, para prevalecer no meio deles (ALMEIDA, 2013, p. 32; grifo nosso).

Segundo esse discurso, argumenta-se também que “chegou a vez de as mulheres pegarem a ‘pena e o papel’” e escrever a história. Mas elas deveriam fazer isso sem perder a “feminilidade”, a “sensibilidade” e a “generosidade”, que é o que as diferencia do homem:

(16) **Mas, infelizmente, a mulher moderna dá sinais de perda da afetividade e da sensibilidade.** Ela está começando a cair em erros capitais que comprometem a saúde psíquica e as relações sociais. Não são poucas as que estão se tornando máquinas de trabalhar e de atividades. Alguns estudos dizem que as mulheres têm de trabalhar duas vezes mais para conseguir a mesma posição que os homens. O estresse crônico conspira contra elas (CURY, 2011, p. 16; grifo nosso).

Ou seja, a perda dos traços ligados ao lado “emocional” faz com que as mulheres se aproximem do lado masculino: “a ditadura do excesso de trabalho esmaga a sensibilidade e a tolerância” (CURY, 2011, p. 77). Tanto assim, que insiste-se na “complementaridade” entre homem e mulher, postulando os diferentes papéis, fruto da “natureza” de cada um. Considerando a perspectiva do discurso religioso, é importante que a oposição “homem” vs. “mulher” se mantenha, uma vez que:

(17) As Escrituras declaram que o marido é o **cabeça** da mulher assim como Cristo é o cabeça da Igreja. (MEYER, 2015, p. 42).

(18) É triste dizer que muitas mulheres são os **cabeças** espirituais de seus lares. [...] Encorajo as mulheres a orarem por seus maridos, para que eles realmente assumam o seu lugar como **cabeça** espiritual do lar. (MEYER, 2015, p. 47).

(19) Essa é a vocação feminina: a capacidade de amar, cuidar e proteger. Por isso, também somos orientadas por Paulo a sermos **corpo**, sujeitando-nos ao nosso marido, o **cabeça** da esposa (Ef 5.23). (SEIXAS, 2017, p. 62).

(20) 1. O homem é o **cabeça da** mulher.

2. Cristo é o **cabeça** de todo homem.
3. Deus é o **cabeça** de Cristo (EVANS, 2017, p. 204).

As emoções, contudo, não podem estar associadas à ideia de descontrole - outra crença bastante difundida em nossa sociedade a respeito das mulheres:

(21) Seja **equilibrada**. Evite **exageros**. Vai dar tudo certo. (BEZERRA, 2015, p. 79; grifo nosso).

(22) Não deixar que minhas emoções controlem meu comportamento. [...] Pedir que Deus me ajude a responder de uma maneira bíblica à pressão, **sem acessos emocionais**/ Decorar. Prov. 29:11. (HEALD, 1998, p. 104; grifo nosso).

(23) Elas podem estar indo ladeira a baixo, mas não freiam – simplesmente deixam em ponto morto e **descem no embalo**. (CARDOSO, 2013, p. 26; grifo nosso).

(24) Você deixa de agir ou falar **movida por impulsos ou emoções** momentâneas. (CARDOSO, 2013, p. 34; grifo nosso).

(25) Um tremendo gerador de autoconfiança é sentir que estamos fazendo com a nossa vida o que sabemos que devíamos estar fazendo, em vez de desperdiçá-la sendo desorganizadas e **instáveis**. (MEYER, 2015, p. 83; grifo nosso).

(26) **Por não ser movida emocionalmente**, a Bíblia diz que a mulher de Provérbios economiza tempo e força, os quais ela utiliza para plantar vinhas frutíferas no seu vinhedo. (MEYER, 2015, p. 85; grifo nosso).

Esse tipo de oposição é, como se observa, bastante estruturante desse discurso e sustenta ainda a organização da igreja, da família, dos relacionamentos:

(27) [...] Deus estabeleceu a forma como a autoridade deveria fluir **dEle para o homem e depois para a mulher**. As Escrituras declaram que **o marido é o cabeça da mulher assim como Cristo é o cabeça da Igreja**. A mulher deve **submeter-se** ao seu esposo conforme convém ao Senhor. No entanto, na minha avaliação e compreensão da natureza de Deus, essa prerrogativa nunca teve a intenção de incluir abuso, controle, manipulação ou maus-tratos de qualquer espécie (MEYER, 2015, p. 42; grifo nosso).

Há ainda, no *corpus*, como já dissemos anteriormente, um conjunto de enunciados que parecem se estruturar a partir de um apelo a uma antítese “fundadora”: a “mulher com Deus” vs. a “mulher sem Deus”. Nas obras de Cristiane Cardoso é comum, como já dissemos, o emprego da expressão “Mulher V” para se referir à mulher virtuosa, que é a síntese da mulher com Deus, assim, as outras mulheres são apenas “outras” ou “essas por aí”, conforme destacamos nos excertos abaixo:

(28) O valor de uma mulher virtuosa vai muito além do valor físico; gosto de chamá-la de “a Mulher V”. Ela enfrenta as mesmas lutas que todas as outras mulheres do mundo, de todas as idades, de todas as nações e em circunstâncias diversas, mas nenhuma dessas lutas diminui o seu valor – ao contrário do que acontece com muitas **mulheres por aí** (CARDOSO, 2013; grifo nosso).

(29) O que é verdadeiramente raro nos dias de hoje? Mulheres que são felizes consigo mesmas e, conseqüentemente, são bem casadas e valorizadas por suas próprias famílias. Esta raridade não pode ser comprada ou encomendada em lugar algum. Não porque esteja em falta; simplesmente, ela só está disponível para **aquelas que escolhem seguir o caminho da sabedoria** (CARDOSO, 2013; grifo nosso).

(30) Eu não sou **uma garota qualquer**, eu sou **filha de Deus**. Chamada por Ele, Escolhida por Ele para um propósito Eterno! (PAULA, 2015; grifo nosso).

A mulher sem Deus é, assim, “uma garota qualquer” ou “muitas mulheres por aí”. Tais oposições encontram-se imbricadas, de modo que a “mulher com Deus” é bela, sábia, feminina, sensível, emotiva (porém controlada), enquanto que a “mulher sem Deus”, ao contrário, tem um beleza efêmera (quando tem), comportamentos masculinizados, não é sábia.

Considerações finais

Brunelli (2004, 2012, 2016) vem apontando que o discurso de autoajuda tem contribuído para a manutenção de estereótipos femininos relacionados a interesses e papéis tipicamente atribuídos às mulheres: por terem, supostamente, como interesses “centrais” a busca pela beleza e por casamento, essas mulheres assumem outros papéis (que não o de mãe ou esposa) como uma “concessão”, isto é, **desde que** consigam conciliar...

A análise do discurso de autoajuda para mulheres cristãs revela — talvez de forma até mais contundente, na medida em que o desempenhos desses papéis se trataria de um “desígnio divino” — que esses estereótipos seguem, de fato, circulando ativamente em nossa sociedade.

Da perspectiva de Paveau (2013), diremos que estamos diante de quadros de crenças, valores e práticas partilhados coletivamente e transmitidos por meio de uma memória cognitivo-discursiva, com a ajuda de um conjunto de ferramentas discursivas (os livros, por exemplo, mas também *blogs*, canais no YouTube, shows...). Nesse sentido, esses quadros aos quais os discursos apelam funcionam como anterioridades discursivas. Ainda de acordo com Paveau (2013), esses quadros servem como forma de categorização do mundo e, talvez por isso, seja tão difícil — ainda que imperioso — modificá-los.

Realizar múltiplas tarefas com alegria e ainda sob os princípios divinos, tem levado essas mulheres a um cansaço paralisante, um esgotamento — que pode ser

identificado nos *sites*, *blogs* e até mesmo em uma das obras do *corpus* (ALMEIDA, 2015). Ou seja, essa mesma autoajuda que deveria cumprir com o seu objetivo de “ajudar”, acaba por contribuir para os efeitos de uma sociedade doente (HAN, 2017).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNELLI, A. F. O sucesso está em suas mãos: análise do discurso de auto-ajuda. 2004. 149f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

_____. Estereótipos da mulher no discurso da autoajuda. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, n. 13(2), 2012.

_____. Estereótipos e Desigualdades Sociais: Contribuições da Psicologia Social à Análise do Discurso. **Caderno de Estudos Linguísticos**, n. 58.1: Campinas, pp. 25-43 – jan./abr. 2016.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. (1971). São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. **Vigiar e punir**. (1975). Petrópolis: Vozes, 1999.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª edição – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LAKOFF, G. The Contemporary Theory of Metaphor. In ORTONY, A. (ed.). **Metaphor and Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

Andrew (ed.) *Metaphor and Thought*, 2nd. ed., Cambridge University Press.

LAKOFF, G., & JOHNSON, M. L. (1980). **As Metáforas da Vida Cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras / EDUC, 2002.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. (1984). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Doze conceitos em análise do discurso. São Paulo: Parábola, 2010.

PAVEAU, Marie-Anne. Reencontrar a memória. Percorso epistemológico e histórico. In: II Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD), 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: 2005, p. 1-9. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/2SEAD/SIMPOSIOS/MarieAnnePaveau.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

_____. **Os Pré-discursos**: sentido, memória, cognição. Campinas: Pontes Editores, 2013.

_____. **Linguagem e moral**: uma ética das virtudes discursivas. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

ROCHA, J. A. P.; PAULA, C. P. A. de; DUARTE, A. B. S. A cognição distribuída como referencial teórico para os estudos de usuários da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa/PB, v. 26, n. 2, p. 91-105, maio/ago. 2016.

THUROW, A. C.; PRESTES-RODRIGUES, L. S. Metáforas conceituais sobre corpo: um estudo do discurso de universitários. **Caleidoscópio**, São Leopoldo/RS, v. 14, n. 3, p. 509-518, set./dez. 2016.

VASCONCELOS, M. R. C. “Moderna à moda antiga”: pré-discursos e representação do feminino no discurso da autoajuda para mulheres cristãs. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, MT, Cuiabá, 2020.

REFERÊNCIAS DO *CORPUS*

ALMEIDA, A. M. **Mulher plena**. Brasília: Sara Brasil, 2013.

BEZERRA, N. **Mais linda em 40 dias**: dicas de beleza para o espírito, a mente e o corpo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2015.

CARDOSO, C. **A mulher V**: moderna, à moda antiga. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2013.

CURY, A. **Mulheres inteligentes, relações saudáveis**: o livro que toda mulher deveria ler antes de se relacionar. São Paulo: Academia de inteligência, 2011.

EVANS, T.; HURST, C. E. **Mulher do reino**: seu propósito, seu poder, suas possibilidades. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

HEALD, C. **A excelência da mulher**: guia de estudo bíblico. Campinas: United Press, 1998.

MEYER, J. **A mulher confiante**. Belo Horizonte: Bello Publicações, 2015.

OMARTIAN, S. **O poder da mulher que ora**. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

PAULA, A. de. **Mulheres amadas e aceitas por Deus**. Curitiba: Emanuel, 2015.

SEIXAS, D. **A essência da mulher**: espalhando o aroma de Cristo. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

Submetido em: 17/04/2020.

Aprovado em: 21/11/2020.

Como referenciar este artigo:

VILELA-ARDENGHI, Ana Carolina & VASCONCELOS, Mariane Rocha Camargo. Os quadros pré-discursivos coletivos no discurso da autoajuda para mulheres cristãs: anterioridades que sustentam desigualdades. revista **Linguagem**, São Carlos, v.36, jul./dez. 2020, p. 82-97.